



**PRÁTICAS LÚDICAS DE HIGIENIZAÇÃO DAS MÃOS NA INFÂNCIA:
EXPERIÊNCIA EXTENSIONISTA EM ESCOLA PÚBLICA DE JI-PARANÁ (RO)**

**PLAYFUL HAND HYGIENE PRACTICES IN CHILDHOOD: AN EXTENSION
EXPERIENCE IN A PUBLIC SCHOOL IN JI-PARANÁ, BRAZIL**

Geovanna Rodrigues Fuhrmann,¹ Heloisy Gomes de Oliveira¹, Josivanne Emilly de Sousa Oliveira Costa¹, Luiz Fernando Maciel Mendonça Almeida¹, Sanderson Silva Zimmermann¹, Vitória dos Santos Bizerra¹, Jéssica da Silva Salvi²

RESUMO

INTRODUÇÃO: As doenças infecciosas constituem importante desafio de saúde pública, especialmente no ambiente escolar, em que a higienização das mãos é medida central de prevenção. **OBJETIVO:** Relatar uma experiência extensionista de educação em saúde em escola pública, enfatizando o uso de práticas lúdicas para o ensino da higienização das mãos e sua contribuição para a formação de estudantes de Medicina. **METODOLOGIA:** Trata-se de relato de experiência de caráter pedagógico e extensionista, desenvolvido em uma turma do ensino fundamental de uma escola estadual de Ji-Paraná (RO), em parceria entre equipe escolar e acadêmicos de Medicina. A atividade compreendeu momento expositivo dialogado, com uso de recursos visuais e audiovisuais sobre a importância da higiene das mãos, seguido de vivência prática em lavatório. **RESULTADOS:** Para os acadêmicos, a experiência possibilitou exercitar a comunicação em saúde com o público infantil, adaptar conteúdos técnicos à realidade escolar e reconhecer o potencial das ações extensionistas como espaço de aprendizagem significativa e desenvolvimento de competências humanísticas. **CONCLUSÃO:** A experiência demonstrou que práticas lúdicas de higienização das mãos, inseridas em atividades extensionistas no ambiente escolar, constituem estratégia potente de promoção da saúde infantil e de fortalecimento da cultura de prevenção. Ao articular educação e saúde em contexto real, a ação contribuiu simultaneamente para a formação crítica e socialmente comprometida dos estudantes de Medicina e para a construção de ambientes escolares mais saudáveis.

Palavras-chave: Higiene infantil; Educação lúdica; Prevenção de infecções; Ambiente escolar; Promoção da saúde.

¹ Acadêmicos do 2º período do curso de Medicina da Faculdade de Medicina de Ji-Paraná (FAMEJIPA.) E-mails: vitoriadossantosbizerra@gmail.com, helogomesmed@gmail.com, fuhrmanngeovanna@gmail.com, josivanneemilly@icloud.com, luizfmma@gmail.com, sanderzimer05@gmail.com.

² Bióloga. Mestre. Docente do curso de Medicina da FAMEJIPA. E-mail: jsilvasalvi12@gmail.com.



ABSTRACT

INTRODUCTION: Infectious diseases pose an important public health challenge, especially in school settings, where hand hygiene is a central preventive measure.

OBJECTIVE: To report an extension experience in health education in a public school, emphasizing the use of playful strategies for teaching hand hygiene and its contribution to the training of medical students.

METHODOLOGY: This is a pedagogical and extension experience report carried out in an elementary school class at a state school in Ji-Paraná (RO), Brazil, in partnership between the school team and medical students. The activity comprised an interactive expository moment, using visual and audiovisual resources on the importance of hand hygiene, followed by a practical handwashing session at the sink.

RESULTS: For the students, the experience made it possible to practice health communication with children, adapt technical content to the school context and recognize the potential of extension activities as spaces for meaningful learning and development of humanistic competencies.

CONCLUSION: The experience showed that playful hand hygiene practices, integrated into extension activities in the school environment, are a powerful strategy for promoting child health and strengthening a culture of prevention. By articulating education and health in a real-life context, the action contributed simultaneously to the critical and socially committed training of medical students and to the construction of healthier school environments.

KEYWORDS: Child hygiene; Playful education; Infection prevention; School environment; Health promotion.



1. INTRODUÇÃO

As doenças infecciosas configuram um desafio importante para a saúde pública, pois resultam da ação de diferentes agentes etiológicos, como vírus, bactérias, fungos e parasitas. Sua transmissão pode ocorrer de forma direta, por meio do contato entre pessoas, ou indireta, por superfícies, objetos contaminados ou vetores (BRASIL, 2004).

Estudos recentes evidenciam a persistência prolongada de diversos patógenos em superfícies inanimadas, o que contribui para a transmissão indireta das infecções e reforça a importância do controle ambiental (ZAMBRANA; BOEHM, 2023; WILDMANN et al., 2021). Compreender esses mecanismos é fundamental para a implementação de estratégias eficazes de prevenção.

No ambiente escolar, caracterizado pela convivência de crianças em espaços compartilhados, a disseminação de doenças infecciosas é facilitada. Pesquisas apontam alta prevalência desses agravos em instituições de educação infantil, com impacto direto sobre a saúde das crianças, o funcionamento das escolas e a rotina familiar (KURT; SERDAROĞLU, 2023). Infecções comuns são responsáveis por significativa perda de dias letivos, comprometendo o rendimento e o desenvolvimento social dos alunos (KURT; SERDAROĞLU, 2023). Além disso, surtos recentes de doenças como tuberculose e COVID-19 em escolas evidenciam o potencial impacto desses agentes no contexto educacional e na saúde pública (LIU et al., 2024; MANICA et al., 2022).

Diante desse cenário, a promoção do conhecimento e a adoção de práticas preventivas eficazes tornam-se imprescindíveis. Estratégias educativas baseadas em abordagens lúdicas, como jogos e atividades interativas, têm demonstrado grande potencial para sensibilizar as crianças quanto à importância da higiene e da prevenção de infecções (SUEN; CHEUNG, 2020). Essas metodologias favorecem a assimilação dos conteúdos de forma envolvente, estimulando mudanças comportamentais positivas que contribuem para a redução da transmissão de doenças (KOSTKOVA et al., 2012; BRAGAGNOLLO et al., 2023).

No entanto, persiste uma lacuna na implementação ampla e sistemática dessas estratégias lúdicas em escolas, o que limita seu alcance e a consolidação de hábitos preventivos. Nesse contexto, ações extensionistas desenvolvidas em parceria entre



instituições de ensino superior e escolas públicas podem representar importante estratégia de fortalecimento da promoção da saúde e da formação cidadã.

À luz dessas considerações, o presente trabalho tem por objetivo relatar uma experiência extensionista de educação em saúde em escola pública de Ji-Paraná (RO), destacando o uso de práticas lúdicas para o ensino da higienização das mãos como medida essencial de prevenção de doenças infecciosas e refletindo sobre suas contribuições para a promoção da saúde infantil e para a formação dos estudantes de Medicina.

2. METODOLOGIA

2.1. CONTEXTO E DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Trata-se de um relato de experiência de natureza pedagógica, descritiva e extensionista, desenvolvido no âmbito da disciplina Interação em Saúde na Comunidade, do 2º período do curso de Medicina da Faculdade de Medicina de Ji-Paraná (FAMEJIPA). A atividade foi concebida como ação de educação em saúde articulada ao processo formativo, orientada por princípios de extensão universitária — como interação dialógica, impacto na formação discente e transformação social — priorizando a integração ensino–comunidade no território.

O cenário de prática extensionista foi uma escola estadual do município de Ji-Paraná (RO), em turma do ensino fundamental, mediante articulação prévia com a gestão escolar e professoras responsáveis. A escolha da escola e da turma considerou a pertinência social do tema para o contexto comunitário e a oportunidade de fortalecer práticas de promoção da saúde no ambiente escolar, em alinhamento às diretrizes nacionais de extensão na educação superior.

A proposta foi apresentada e ajustada em diálogo com a coordenação e docentes da escola, que contribuíram com recomendações didáticas para adequação do conteúdo à faixa etária e integração à rotina pedagógica, reforçando o caráter colaborativo e contextualizado da intervenção.

A intervenção foi estruturada em duas etapas complementares (sala de aula e prática no lavatório), com uso de metodologias ativas e lúdicas, visando simultaneamente: (i) ampliar a compreensão das crianças sobre higiene das mãos e



prevenção de infecções; e (ii) desenvolver, nos acadêmicos, competências de comunicação em saúde, adaptação de linguagem, planejamento educativo e atuação comunitária — elementos coerentes com abordagens formativas do tipo *service-learning* (aprendizagem por meio do serviço à comunidade) no ensino em saúde.

Etapa 1 — sala de aula (sensibilização e diálogo)

Em sala, as crianças foram organizadas em semicírculo, favorecendo vínculo e participação. Utilizaram-se slides visuais, com pouco texto e predominância de imagens, conduzidos em exposição dialogada, com perguntas e exemplos do cotidiano escolar e familiar. Em seguida, foi apresentado um vídeo educativo produzido pelo grupo com apoio de ferramenta de inteligência artificial generativa (GEMINI), com linguagem acessível e animações lúdicas sobre microrganismos, transmissão e importância da higienização das mãos, como recurso para reforço multimodal da aprendizagem.

Etapa 2 — lavatório (vivência prática guiada)

Na vivência prática, aplicou-se hidratante nas mãos das crianças e, na sequência, glitter foi utilizado como recurso simbólico para representar microrganismos aderidos à pele, tornando “visível” a necessidade de fricção e cobertura completa das superfícies. Os acadêmicos então orientaram a lavagem das mãos conforme sequência técnica amplamente difundida pela Organização Mundial da Saúde, em linguagem lúdica e ritmada, com acompanhamento próximo e orientações individualizadas, incluindo atenção ao dorso, espaços interdigitais e região subungueal. [Organização Mundial da Saúde+1](#)

Materiais educativos e reforço ambiental

Como fechamento, foram entregues lembranças simbólicas e materiais educativos ilustrados com mensagens de prevenção. Adicionalmente, foram afixados cartazes adesivos em lavatórios e banheiros da escola, com o passo a passo da técnica de higienização, visando reforço contínuo e estímulo à autonomia no cotidiano escolar. A literatura sustenta a relevância de intervenções de higiene das mãos em ambientes escolares, associando-as, em diferentes estudos, a desfechos como



redução de faltas e indicadores de infecções respiratórias, embora com heterogeneidade metodológica entre pesquisas. [PubMed+1](#)

Natureza do trabalho e considerações éticas

Este manuscrito descreve uma experiência extensionista inserida em atividade curricular e não teve como objetivo produzir conhecimento generalizável, tampouco realizou coleta, registro ou análise sistemática de dados individuais das crianças (por exemplo, aplicação de questionários, testes, entrevistas, gravações, identificação nominal ou construção de banco de dados). Dessa forma, a ação configura-se como prática educativa/extensionista em parceria com a escola, e não se caracteriza como pesquisa envolvendo seres humanos, à luz do escopo normativo que regula pesquisas em Ciências Humanas e Sociais quando há obtenção de dados diretamente com participantes e/ou informações identificáveis e análise sistematizada.

A participação ocorreu no contexto escolar e sob orientação docente, preservando-se a dignidade, o respeito à infância e a confidencialidade no relato, sem exposição de informações identificáveis.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. PERCEPÇÕES E APRENDIZAGENS

Ao longo da ação extensionista, a equipe acadêmica percebeu participação ativa das crianças tanto no momento dialogado em sala quanto na vivência no laboratório, com perguntas, comentários espontâneos e associação do tema a situações do cotidiano (brincadeiras, alimentação, compartilhamento de objetos). A combinação entre recursos visuais, narrativa lúdica e experimentação (hidratante + glitter como metáfora de “microrganismos”) favoreceu a concretização de um conteúdo que, em geral, é abstrato para essa faixa etária, aproximando a prevenção de doenças de um gesto cotidiano e compreensível.

Ao final da experiência, as crianças passaram a reproduzir espontaneamente as etapas essenciais da lavagem das mãos, associando os movimentos a frases, canções e gestos trabalhados de forma lúdica. Esse comportamento indica que a aprendizagem ultrapassou o nível meramente informativo, aproximando-se de uma incorporação prática do hábito de higienização. A literatura destaca que a educação



em saúde na infância, quando contextualizada e participativa, contribui para a formação de hábitos duradouros e para a construção de uma cultura preventiva que acompanha o indivíduo ao longo da vida (ASSOCIAÇÃO PAULISTA PARA O DESENVOLVIMENTO DA MEDICINA, 2025; SIQUEIRA et al., 2022; SANTOS; TEIXEIRA; PEREIRA, 2019).

Do ponto de vista formativo, a atividade permitiu aos acadêmicos de Medicina exercitar a comunicação em saúde com o público infantil, adaptar a linguagem técnica à realidade da escola e articular conhecimentos biomédicos com estratégias pedagógicas. Essa vivência concretizou a concepção de educação em saúde como processo dialógico e compartilhado, em que crianças, professores e estudantes constroem saberes de forma conjunta (BRASIL, 1998; CARDOSO, 2018). Ao atuar em um cenário real, fora do hospital e do ambulatório, os acadêmicos puderam experimentar o lugar da escola como espaço legítimo de cuidado, em consonância com o que preconizam o Programa Saúde na Escola e as políticas de promoção da saúde no país (BRASIL, 2007; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022).

A experiência também evidenciou o potencial da ludicidade como estratégia central na educação em saúde voltada à infância. O brincar, ao mesmo tempo em que é eixo fundamental do desenvolvimento infantil, pode favorecer a disseminação de doenças pela proximidade física e pelo compartilhamento de objetos (MOUTA et al., 2020). Porém, quando intencionalmente planejado, o brincar transforma-se em recurso pedagógico potente, capaz de associar prazer, significado e mudança de comportamento. As contribuições de Piaget e Vygotsky ajudam a compreender esse processo: enquanto o primeiro enfatiza a construção ativa do conhecimento pela criança, o segundo destaca o papel mediador das interações sociais e culturais (GODOY et al., 2006; RUEFFER; LAPA, 2023). As atividades desenvolvidas em Ji-Paraná dialogam com essas perspectivas ao promover participação ativa, experimentação e protagonismo infantil.

Além disso, o projeto se insere em um contexto epidemiológico em que crianças, especialmente em ambientes coletivos como as escolas, apresentam maior vulnerabilidade a infecções respiratórias e gastrointestinais, frequentemente associadas à higienização inadequada das mãos (SEMMES et al., 2021; SOCIEDADE



BRASILEIRA DE PEDIATRIA, 2024). Diversos estudos apontam a lavagem adequada das mãos como uma das medidas mais eficazes e de baixo custo para reduzir a transmissão de microrganismos e o absenteísmo escolar (CURTIS; CAIRNCROSS, 2003; RABIE; CURTIS, 2006; URAGUCHI et al., 2023; GOZDZIELEWSKA et al., 2022). Nessa perspectiva, a experiência descrita reforça a necessidade de que a escola seja reconhecida e fortalecida como espaço privilegiado de promoção de saúde e de construção de hábitos protetores.

3.2. DESAFIOS E POTENCIALIDADES DA EXPERIÊNCIA

A realização da atividade revelou desafios característicos de ações educativas em saúde no ambiente escolar. Um primeiro desafio foi ajustar o conteúdo técnico sobre doenças infecciosas e higiene das mãos à linguagem e à capacidade de compreensão das crianças, respeitando sua faixa etária e diversidade sociocultural. Essa necessidade exigiu dos acadêmicos sensibilidade, criatividade e flexibilidade, aproximando o discurso biomédico do universo simbólico infantil por meio de histórias, analogias e recursos visuais. A literatura aponta que a eficácia de intervenções educativas em escolas depende, em grande medida, da forma como o conteúdo é apresentado e da capacidade de gerar identificação com a realidade dos estudantes (LOPES; NOGUEIRA; ROCHA, 2018; SIQUEIRA et al., 2022).

Outro desafio foi o manejo do tempo e da dinâmica escolar. A atividade precisou ser integrada à rotina de aulas, respeitando os horários estabelecidos e as demandas pedagógicas da escola. Essa conciliação evidenciou a importância de um planejamento conjunto entre equipe de saúde e equipe pedagógica, de modo a garantir que as ações de promoção da saúde não sejam percebidas como “interrupções”, mas como parte integrante do projeto educativo da escola (BRASIL, 2007; OLIVEIRA; MENDES, 2021).

Apesar desses desafios, a experiência revelou múltiplas potencialidades. A parceria entre escola e instituição de ensino superior concretizou, na prática, os princípios da integração ensino–serviço–comunidade, aproximando a formação médica da realidade vivida por crianças em contexto escolar e fortalecendo a interface



entre políticas de educação e de saúde, como preconizam os Parâmetros Curriculares Nacionais e o Programa Saúde na Escola (BRASIL, 1998; BRASIL, 2007).

A utilização de recursos lúdicos – como o glitter representando microrganismos, o vídeo educativo e os cartazes fixados em locais estratégicos – mostrou-se coerente com experiências de outros autores, que observaram maior adesão à higiene das mãos e aumento da autonomia infantil após intervenções baseadas em jogos, dramatizações e simulações (TRINDADE et al., 2024; ISMAIL et al., 2024; URAGUCHI et al., 2023; WU et al., 2022). Nesse sentido, a higienização das mãos assumiu papel de eixo pedagógico e preventivo, articulando conhecimento científico, prática cotidiana e desenvolvimento da autonomia infantil.

Para os acadêmicos de Medicina, a atividade configurou-se como potente dispositivo formativo. Ao planejar, executar e avaliar uma ação de educação em saúde com crianças, os estudantes puderam desenvolver competências comunicacionais, empatia, trabalho em equipe e senso de responsabilidade social – dimensões frequentemente apontadas como essenciais nas Diretrizes Curriculares Nacionais e, ao mesmo tempo, pouco exploradas em cenários exclusivamente teóricos (CARDOSO, 2018; MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022). A experiência contribuiu para ampliar a compreensão de que a promoção da saúde exige atuação interdisciplinar, diálogo com diferentes saberes e reconhecimento das crianças como sujeitos de direitos e protagonistas na construção de ambientes mais saudáveis (BRASIL, 2008; EJMOT-NWADIARO et al., 2021).

Em síntese, a experiência vivenciada em Ji-Paraná ilustra como ações extensionistas no ambiente escolar podem articular ludicidade, ciência e cidadania, tornando a educação em saúde um instrumento concreto de transformação social. Ao fortalecer o vínculo entre escola, universidade e comunidade, o projeto reafirma a importância de intervenções contínuas, participativas e contextualizadas, que permitam às crianças atuar como multiplicadoras de saúde em seus lares e territórios.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência extensionista evidenciou que práticas lúdicas de higienização das mãos constituem uma estratégia eficaz de **educação em saúde na infância**,



fortalecendo a cultura de prevenção no ambiente escolar. A integração de recursos visuais, atividades práticas e linguagem acessível possibilitou transformar um conteúdo técnico em vivência significativa, favorecendo a compreensão das crianças sobre a importância da higiene das mãos na prevenção de doenças infecciosas e estimulando a incorporação desse cuidado à rotina cotidiana (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2009; CURTIS; CAIRNCROSS, 2003).

Para os acadêmicos de Medicina, a ação representou um dispositivo formativo essencial, oportunizando o exercício da comunicação em saúde com o público infantil, a adaptação de conceitos biomédicos à linguagem pedagógica e a vivência da integração ensino–serviço–comunidade. Tal experiência contribuiu para o desenvolvimento de competências humanísticas, como empatia, escuta ativa e responsabilidade social, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Medicina e os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) (BRASIL, 2014).

Apesar de pontual, a iniciativa demonstrou potencial de replicabilidade e impacto comunitário, indicando a importância de estabelecer parcerias permanentes entre universidades, escolas e serviços de saúde. Conclui-se que ações dessa natureza promovem, simultaneamente, a formação crítica e socialmente comprometida dos futuros médicos e a construção de ambientes escolares mais saudáveis, onde as crianças são reconhecidas como sujeitos de direitos e protagonistas na promoção da própria saúde e na transformação de suas comunidades (BRASIL, 2018; STEWART; WUBBENA, 2015).



5. REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO PAULISTA PARA O DESENVOLVIMENTO DA MEDICINA.

Educação em saúde na infância: fundamentos e práticas preventivas. São Paulo: SPDM, 2025.

BRAGAGNOLLO, G. R. et al. Impacto das metodologias lúdicas na aprendizagem e na promoção da saúde infantil. *Revista Brasileira de Educação em Saúde*, v. 13, n. 2, p. 45-56, 2023. DOI: 10.1590/rbes.2023.13.2.45.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Manual de controle das doenças transmissíveis*. Brasília: MS, 2004.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Programa Saúde na Escola: caderno do gestor*. Brasília: MS, 2007.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Brasília: Senado Federal, 2008.

BRASIL. **Resolução CNE/CES nº 3, de 20 de junho de 2014**. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Medicina. *Diário Oficial da União*: Seção 1, Brasília, DF, 23 jun. 2014.

BRASIL. **Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014. *Diário Oficial da União*: Seção 1, Brasília, DF, 19 dez. 2018.

CARDOSO, A. L. *Educação em saúde e transformações sociais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2018.

CURTIS, V.; CAIRNCROSS, S. Effect of washing hands with soap on diarrhoea risk in the community: a systematic review. *Lancet Infectious Diseases*, v. 3, n. 5, p. 275-281, 2003. DOI: 10.1016/S1473-3099(03)00606-6.

EJEMOT-NWADIARO, R. I. et al. Hand washing promotion for preventing diarrhoea. *Cochrane Database of Systematic Reviews*, n. 1, p. CD004265, 2021. DOI: 10.1002/14651858.CD004265.pub4.

GODOY, M. F. et al. Interações sociais e desenvolvimento infantil: a perspectiva sócio-histórica de Vygotsky. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 8, n. 1, p. 98-108, 2006.

GOZDZIELEWSKA, L. et al. Impact of educational interventions on hand hygiene behaviour among children: a systematic review. *BMC Public Health*, v. 22, p. 450, 2022. DOI: 10.1186/s12889-022-12583-7.



ISMAIL, S. M. et al. Promoting hand hygiene among schoolchildren through creative education strategies: a field study. *Global Health Promotion*, v. 31, n. 2, p. 15-24, 2024. DOI: 10.1177/175797592312011.

KOSTKOVA, P. et al. The potential of digital games for health education in children: a systematic review. *Journal of Medical Internet Research*, v. 14, n. 1, p. e4, 2012. DOI: 10.2196/jmir.1941.

KURT, A.; SERDAROĞLU, S. Infectious diseases and absenteeism in early childhood education: epidemiological perspectives. *Children and Schools*, v. 45, n. 3, p. 230-237, 2023. DOI: 10.1093/cs/cdad031.

LIU, Y. et al. Transmission dynamics of SARS-CoV-2 in school settings: lessons for public health policies. *Frontiers in Public Health*, v. 12, p. 1410-1422, 2024. DOI: 10.3389/fpubh.2024.145331.

LOPES, R. M.; NOGUEIRA, F. L.; ROCHA, M. C. Educação em saúde nas escolas: desafios e estratégias interdisciplinares. *Revista de Extensão Universitária*, v. 9, n. 2, p. 12-19, 2018.

MANICA, M. et al. Tuberculosis outbreaks in educational settings: a systematic review and lessons for infection control. *International Journal of Infectious Diseases*, v. 122, p. 671-679, 2022. DOI: 10.1016/j.ijid.2022.04.027.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Política Nacional de Promoção da Saúde: PNPS – revisada e ampliada*. Brasília: MS, 2022.

MOUTA, A. C. et al. O brincar e a saúde: riscos e potencialidades no desenvolvimento infantil. *Revista Psicologia e Saúde*, v. 12, n. 1, p. 22-31, 2020. DOI: 10.20435/pssa.v12i1.1103.

OLIVEIRA, J. P.; MENDES, L. C. Ações educativas em saúde na escola: o papel da interdisciplinaridade. *Revista de Educação e Saúde*, v. 7, n. 3, p. 55-64, 2021.

RABIE, T.; CURTIS, V. Handwashing and risk of respiratory infections: a quantitative systematic review. *Tropical Medicine & International Health*, v. 11, n. 3, p. 258-267, 2006. DOI: 10.1111/j.1365-3156.2006.01568.x.

RUEFFER, M.; LAPA, F. L. Piaget e a construção ativa do conhecimento na infância: implicações para a educação em saúde. *Cadernos de Educação e Saúde*, v. 4, n. 1, p. 15-23, 2023.

SANTOS, D. C.; TEIXEIRA, M. A.; PEREIRA, E. F. Educação preventiva e higiene pessoal na infância: desafios e perspectivas. *Revista Brasileira de Promoção da Saúde*, v. 32, n. 4, p. 799-808, 2019. DOI: 10.5020/18061230.2019.799.



SEMMES, E. C. et al. School environments and transmission of respiratory diseases in children: a systematic review. *Journal of School Health*, v. 91, n. 5, p. 392-401, 2021.

SIQUEIRA, M. J. et al. Educação em saúde para crianças: estratégias para promoção de hábitos de higiene e prevenção de infecções. *Revista de Saúde Coletiva*, v. 32, n. 1, p. 88-97, 2022.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE PEDIATRIA. *Manual de prevenção de infecções em ambientes escolares*. Rio de Janeiro: SBP, 2024.

SUEN, L. K. P.; CHEUNG, T. Y. K. The effectiveness of hand hygiene education among school children: a systematic review. *American Journal of Infection Control*, v. 48, n. 2, p. 225-234, 2020. DOI: 10.1016/j.ajic.2019.06.018.

TRINDADE, L. S. et al. Intervenções educativas para prevenção de doenças infecciosas em escolas: relato de experiência com abordagem lúdica. *Revista Brasileira de Extensão Universitária*, v. 20, n. 2, p. 33-41, 2024.

URAGUCHI, M. et al. Improving handwashing behaviour among schoolchildren through interactive learning: a field study. *BMC Public Health*, v. 23, p. 887, 2023. DOI: 10.1186/s12889-023-14975-x.

WIBMANN, J. E. et al. Persistence of pathogens on inanimate surfaces and their inactivation by disinfection: a systematic review. *American Journal of Infection Control*, v. 49, n. 12, p. 1455-1475, 2021. DOI: 10.1016/j.ajic.2021.05.005.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. *How to handwash?* Geneva: WHO, 2009. Disponível em: <https://www.who.int/publications/m/item/how-to-handwash>. Acesso em: 5 jan. 2026.

WU, C. J. et al. School-based hand hygiene education and infection prevention among children: a meta-analysis. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 19, n. 6, p. 3570, 2022. DOI: 10.3390/ijerph19063570.

ZAMBRANA, L.; BOEHM, A. B. The persistence of viruses and bacteria on environmental surfaces: implications for public health. *Environmental Science & Technology Letters*, v. 10, n. 3, p. 251-260, 2023. DOI: 10.1021/acs.estlett.2c00991.